

O CAMINHO CLÍNICO-CARTOGRÁFICO PARA A CRIAÇÃO DE UM CORPO SEM ÓRGÃOS

Fernando da Silva Mancebo¹.

¹Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro.

<http://lattes.cnpq.br/2550704421348102>

RESUMO: O presente trabalho investiga o caminho clínico-cartográfico como um exercício para a criação de um corpo sem órgãos (CsO). Partindo da ontologia de Bento de Espinosa e articulando à obra de Deleuze e Guattari, contrapõe-se a imposição de um modelo do organismo à experimentação de um corpo intensivo. Para isso, a cartografia é apresentada como método pragmático de navegação no plano de imanência, operando não como um decalque de modelos predefinidos, mas como um traçar de linhas que dá passagem aos devires. Com isso, a imanência dos afetos é destacada e a criação de um CsO se constitui não como meta final, mas como um processo contínuo de desorganização e de liberação do desejo enquanto essência do homem, estabelecendo um horizonte ético para intervenções clínicas no âmbito da saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia clínica. Cartografia. Ética.

THE CLINICAL-CARTOGRAPHIC PATH TO THE CREATION OF A BODY WITHOUT ORGANS

ABSTRACT: This paper investigates the clinical-cartographic path as an exercise for the creation of a body without organs (BwO). Starting from the ontology of Baruch Spinoza and articulating it with the work of Deleuze and Guattari, the imposition of the model of the organic is set against the experimentation of an intensive body. To this end, cartography is presented as a pragmatic method for navigating the plane of immanence, operating not as a tracing of predefined models but as the drawing of lines that give passage to becomings. In this way, the immanence of affects is foregrounded, and the creation of a BwO is understood not as a final goal but as a continuous process of disorganization and the liberation of desire as the essence of the human, thereby establishing an ethical horizon for clinical interventions in health care.

KEYWORDS: Clinical psychology. Cartography. Ethics.

INTRODUÇÃO

O filósofo holandês Bento de Espinosa, filho de judeus sefarditas, em sua grande obra, a *Ética* (Espinosa, 2015), buscou apresentar como é possível sair de um conhecimento transcendente, marcado pelas imagens dos encontros as quais constroem uma realidade psíquica dissociada do corpo, para um conhecimento imanente que compreende a Natureza

em si e por si. Essa demonstração em ordem geométrica, ao partir do conceito de Deus como substância única até os encontros de seus modos, tinha como objetivo uma defesa da inteligibilidade da existência por suas causas, sem apelo a um mundo para além deste a que estaríamos submetidos.

Ao estabelecer sua concepção ontológica da existência, Espinosa permitiu que a pensássemos como relações de corpos, linhas e planos e, por meio disso, observássemos as mudanças que se dão nas partes da Natureza ao mesmo tempo mantendo ainda uma consistência comum e, portanto, dando lugar ao devir no ser.

Junto a isso, o filósofo holandês formalizou um sistema valorativo que não dependia de um ponto de ancoragem externo. Pois, ao enxergar na essência da substância o próprio existir e relacionar a perfeição como a operação em ato da existência de uma coisa qualquer, ele entenderia os afetos como efetivações e atualizações do estado de perfeição de um modo determinado. O valor estaria, portanto, na capacidade de perseverar na existência e suas direções, ganhos ou perdas, nas atualizações que essa capacidade sofreria diante dos encontros que se realizariam com outros corpos.

Por mais abstrata que tal construção epistêmica possa parecer, Gilles Deleuze e Félix Guattari reconheceram nela uma praticidade inigualável. Tomando essas noções como seu ponto de partida em um de seus platôs, *Como criar para si um corpo sem órgãos?* (Deleuze; Guattari, 2011b), os autores buscaram refletir acerca de um caminho prático de mudança para uma vida congelada em suas próprias sistematizações. Esse caminho, no entanto, não seria único, mas se faria no próprio caminhar, não havendo, portanto, uma fórmula universal, a qual se constituiria em posição contrária a todo o legado espinosano. No entanto, nem por isso, deve-se abrir mão de qualquer reflexão, afinal um ser levado pelos ventos não é menos escravo do destino que um tomado por um rumo pré-definido. Nesse sentido, a cartografia, enquanto método para se localizar no caminhar, somaria ao processo de experimentação que se pretende. E, desse modo, se faz imprescindível refletir acerca de como é possível traçar mapas sem que confundamos as figuras com a materialidade dos encontros.

OBJETIVO

O presente trabalho objetiva explorar como as proposições da filosofia espinosana se articulam à concepção deleuze-guattariana de corpo sem órgãos, buscando, junto a isso, investigar a cartografia como *hódos-meta*, ou seja, como caminho de experimentação, não de finalidade, que possa fundamentar as intervenções clínicas no campo da Psicologia e da Saúde Mental.

METODOLOGIA

A pesquisa aqui conduzida se constituiu a partir de uma revisão de literatura de caráter exploratório e qualitativo. Para isso, recolhemos textos que permitam pensar uma clínica transdisciplinar que se embase a partir da filosofia espinosana, da obra deleuze-

guattariana e do método da cartografia. Por fim, os trabalhos incluídos passaram por uma análise interpretativa a fim da elaboração da discussão proposta, na qual se privilegiou a imersão no material, a multiplicação de sentidos e a promoção de operadores conceituais para a clínica psicológica, resultando na construção da presente produção textual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ontologia de Espinosa postula uma única substância, *Deus sive Natura*, a qual se expressa em infinitos atributos, estabelecendo um plano de imanência. Neste plano, não há transcendência e tudo o que existe enquanto coisa ou ideia, pensando a partir dos atributos a nós acessíveis, são apenas modos desta substância, em uma causalidade que segue da necessidade da sua própria natureza (Espinosa, 2015). Nesse sentido, esta recusa de qualquer instância superior, como um Deus juiz e uma Lei moral transcendente, se faz, a partir de construções contemporâneas, como fundamento para uma clínica que opere inteiramente na experiência em ato.

Isso porque, na filosofia espinosana, um corpo não se define pela sua forma ou por uma suposta finalidade, mas, como Deleuze (2002) indica, por uma longitude, conceituada como a dimensão das relações de movimento e repouso, velocidade e lentidão, que compõem as suas partes, e uma latitude, definida como as suas dinâmicas afetivas derivadas de sua capacidade de afetar e ser afetado. Esta concepção se faz crucial, pois ao deslocar a essência do corpo de sua estrutura organizada, tomada fora da processualidade que a configurou, para a sua capacidade relacional e dinâmica, o corpo se apresenta como uma composição de relações, uma resultante de afetos que fazem emergir uma determinada potência.

Com isso, é imprescindível destacar como os afetos são o cerne da questão. Para Espinosa, um afeto não é definido *a priori* como um sentimento ou uma emoção, mas ele o concebe como uma variação da potência de agir de um corpo, a sua passagem de um grau de perfeição para outro. A alegria, dessa forma, seria definida como o afeto que corresponderia a um aumento da potência de agir, uma passagem para “uma maior perfeição” (Espinosa, 2015, p. 257). Enquanto a tristeza, inversamente, corresponderia a uma diminuição da potência, uma passagem para “uma menor perfeição” (Espinosa, 2015, p. 257). A ética espinosana é, portanto, uma ciência prática dos bons e maus encontros. Bom sendo a composição que se estabelece com o nosso corpo, que aumenta a nossa potência de agir e nos preenche de alegria. Mau sendo a decomposição de nossas relações, a diminuição da nossa potência, a qual nos entristece.

É a partir deste horizonte ético e ontoepistemológico que a criação de um corpo sem órgãos (CsO) é concebida. O conceito, extraído por Deleuze da obra artística de Antonin Artaud e posteriormente trabalhado com Guattari, não designa um corpo sem os seus órgãos anatômicos dentro do paradigma biomédico, mas sim um corpo liberto de uma delimitação sistemática que se impõe como estruturação da multiplicidade intensiva, ou seja, um corpo que vá além do regime do organismo. O “juízo de Deus” sob o qual se

fundaria o organismo corresponderia à estratificação que, nesse sentido, imporiam funções, hierarquias e finalidades ao corpo, submetendo-o a um sistema de controle que limita a sua potência (Deleuze; Guattari, 2011b).

Criar um CsO é, portanto, um ato de resistência: é desfazer, mesmo que provisoriamente, a tirania do organismo para abrir-se a um plano de experimentação de intensidades, afetos e velocidades. O CsO é o “campo de imanência do desejo, o plano de consistência própria do desejo” (Deleuze; Guattari, 2011b, p. 18). Desejo o qual, segundo Espinosa (2015), estaria na essência do próprio homem, na efetivação de seu *conatus*, enquanto potência de existir, de se relacionar, de afetar e ser afetado.

A afinidade entre o CsO e a filosofia de Espinosa é tão profunda que os filósofos chegam a indagar retoricamente se “o grande livro sobre o CsO não seria a Ética” (Deleuze; Guattari, 2011b, p. 17). O plano de consistência onde o CsO se constrói pode ser tomado como o plano de imanência da substância única. O corpo espinosano, definido não pela sua forma, mas pela sua cinética e dinâmica, é o protótipo do CsO. A célebre reflexão “Com efeito, ninguém até aqui determinou o que o Corpo pode [...]” (Espinosa, 2015, p. 243) torna-se o lema da experimentação no CsO: um convite a descobrir as potências de um corpo para além da sua organocização.

No entanto, a beleza de sua descrição não o impede de, por vezes, ser vazio e até mesmo canceroso em sua prática. Deleuze e Guattari, ao apontarem para as potencialidades do CsO, denunciam também suas destrutividades, originadas de uma recorrência desmedida à desorganização das sistematizações sob as quais conduzimos nosso viver, e indicam a necessidade de uma prudência para uma reinvenção criativa. Nesse sentido, se o corpo sem órgãos é o horizonte ético, a cartografia se apresenta como a metodologia pragmática.

A cartografia, no legado esquizoanalítico, é um método concebido para acompanhar processos. Sua direção visa mapear as linhas que compõem uma existência: as linhas de segmentaridade dura que nos estratificam, as linhas de segmentaridade flexível que permitem contornos e, crucialmente, as linhas de fuga que nos abrem ao devir e à desterritorialização.

Para isso, uma distinção fundamental que define a cartografia é a sua oposição ao decalque. Apresentado na introdução de *Mil platôs* (Deleuze; Guattari, 2011a), o decalque é um procedimento reprodutivo: parte-se de uma estrutura preexistente (um modelo teórico, um complexo universal) e projeta-se sobre a realidade, que passa a ser lida através deste filtro. A cartografia, ao contrário, se faz produtiva. Ela segue a lógica do rizoma: um sistema acentrado, não hierárquico, onde qualquer ponto pode ser conectado a qualquer outro. O mapa não representa um mundo; ele participa na sua construção. Nesse sentido, os filósofos afirmam: “O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói” (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 30).

Enquanto o decalque remete sempre “ao mesmo”, a um modelo que o precede, o mapa é “aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (Deleuze; Guattari, 2011a, p. 30). Ele é uma

questão de performance, não de competência; é uma ferramenta para a experimentação, não para a representação. Esta oposição tem uma implicação política radical: a recusa do decalque é a recusa de qualquer poder transcendente que impõe uma estrutura *a priori* sobre a experiência.

Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2009, p. 10) ao apresentarem pistas para a condução desse método anunciam uma direção fundamental: “Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*.” Um caminho (*hódos*) predeterminado por metas ou finalidades seria substituído deliberadamente por uma perspectiva onde o caminhar seria um processo de experimentação do ser em seu devir. Com isso, o caminho não será definido como um trajeto predefinido para a “cura”, mas a própria prática de mapear e experimentar que, no seu fazer, constitui o seu próprio objetivo: a intensificação do viver.

A arte do caminho clínico-cartográfico residiria, portanto, numa prudência imanente, numa “dosagem” da experimentação. A sua tarefa é a de trabalhar na seleção e composição de encontros, avaliar os afetos que emergem e discernir o que aumenta daquilo que diminui a potência de vida, não enquanto universal, mas no processo que se desenrola. Não se trata de uma imposição moral, mas de um exercício ético, no sentido espinosano do termo, o qual elegeria a vida em primeiro lugar, mesmo caso precise recorrer à morte para isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito ainda a se dizer sobre a articulação entre a obra espinosana, a criação de um corpo sem órgãos e o método cartográfico. A distinção de Espinosa (2015) dos três gêneros do conhecimento, por exemplo, poderia ser relacionada com a cartografia tomada como metodologia de pesquisa para produção epistêmica (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009). No entanto, buscamos neste trabalho destacar a dimensão prática voltada para a clínica psicológica, compreendendo também que esta concepção pode ser utilizada em outros campos que busquem dar lugar à subjetividade humana.

Através de um caminho clínico-cartográfico, no qual se anda atento aos afetos, às intensidades, velocidades e lentidões, traça-se o mapa dos agenciamentos, entendendo todo modo, pelo atributo da extensão, sempre como corpos em relação. Com isso, identificam-se as linhas, os estratos e os pontos de subjetivação que nos fixam e busca-se criar um corpo não constrangido, não submetido a imposições sistematizantes e organicizantes. Um corpo a partir do qual seu movimento se dê por sua própria potência de agir e não por heterorregulações.

O *hódos-meta*, tal como aqui delineado, representa mais do que uma alternativa técnica, constitui uma reconfiguração fundamental do que significa a prática clínica, a qual toma um horizonte ético e uma concepção ontoepistemológica imanente.

A saúde que se pretende nessa construção, dessa forma, não se demonstra como ausência de doença, e nem é pensada como ideal de funcionamento do organismo, mas sim como capacidade de incorporar as crises, as feridas, as instabilidades, o devir, e fazer

de tudo isso uma abertura para novas atualizações da potência e novas criações. Uma dança, portanto, que não tropece no ritmo da vida. Sendo, nesse sentido, a afirmação da existência em sua totalidade, incluindo a sua tragicidade e a sua potência inventiva.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: Filosofia Prática. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011a. v. 1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011b. v. 3.

ESPINOSA, Bento de. **Ética**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.